

IV COLÓQUIO NACIONAL DE GEOGRAFIA DA UEG E XXIV SEMANA DE GEOGRAFIA

24 A 28 DE NOVEMBRO DE 2025

A GEOPOLÍTICA MILITAR NO CONTEXTO DA DITADURA BRASILEIRA (1964-1985): UMA ANÁLISE DA PRODUÇÃO DA REVISTA A DEFESA NACIONAL

*Thais Borba de Moura*¹; *Marco Túlio Martins*²;

¹ Estudante de Licenciatura em Geografia; Universidade Estadual de Goiás; Itapuranga, Goiás;

thaisborbademoura@gmail.com

² Docente Adjunto; Universidade Estadual de Goiás; Itapuranga, Goiás; marco.martins@ueg.br

RESUMO

A presente pesquisa busca compreender como a *Revista A Defesa Nacional* (ADN), entre 1964 e 1985, expressou e consolidou a geopolítica militar brasileira no contexto da ditadura militar. O estudo parte do pressuposto de que, nesse período, a revista foi um instrumento de legitimação ideológica e doutrinária das Forças Armadas, articulando o pensamento geopolítico ao projeto de Estado autoritário. A análise dialoga com autores como Costa (1992), Becker (1983) e Carvalho (2005), que destacam a relação entre território, poder e Estado, bem como o papel das instituições militares na formulação de estratégias nacionais. A pesquisa é de caráter qualitativo e documental, baseada na análise de conteúdo de artigos publicados na *Revista A Defesa Nacional* entre 1964 e 1985. O corpus textual foi constituído por textos que tratam diretamente de temas geopolíticos, estratégicos e militares, como *Expansionismo Meridional Luso-Brasileiro* (1964), *O Brasil e a Guerra Fria* (1964), *Estratégia Militar Contemporânea* (1985) e *Geopolítica – Geoestratégia – Relações Internacionais* (1985). A leitura comparativa permitiu identificar continuidades e transformações do pensamento geopolítico, articulando-o às transformações políticas do regime. O estudo também faz uso da análise teórica de autores clássicos da geografia política e da história militar brasileira, buscando estabelecer o entrelaçamento entre produção científica e doutrina militar. Os resultados indicam que a *Revista A Defesa Nacional* foi um espaço de difusão da Doutrina de Segurança Nacional, consolidando uma visão de mundo centrada na defesa do Estado e na desconfiança frente às ideologias civis. Nos anos 1960, os textos destacavam a defesa hemisférica e o anticomunismo, interpretando a Revolução de 1964 como ato de “salvação nacional”. Obras como *O Brasil e a Guerra Fria* e *As Relações Públicas e as Forças Armadas* destacam a tentativa de legitimar a intervenção militar e aproximar a instituição do povo por meio da propaganda e da disciplina moral. Nos anos 1970 e 1980, observa-se a incorporação de uma linguagem mais técnica e científica. Autores como Therezinha de Castro e Meira Mattos introduzem o conceito de *geopolítica integralizada*, defendendo o Brasil como potência regional no Atlântico Sul e na Bacia do Prata. Artigos como *Estratégia Militar Contemporânea* e *Geopolítica – Geoestratégia – Relações Internacionais* expressam a transição do discurso ideológico para a racionalização tecnocrática da defesa, aliando território, ciência e soberania. A revista também passou a adotar a perspectiva da “integração nacional” e da “ocupação da Amazônia”, reafirmando o espaço geográfico como fundamento do poder estatal. Entre 1964 e 1985, a *Revista A Defesa Nacional* funcionou como veículo de formação e difusão da geopolítica militar brasileira. Seu



Equador

IV COLÓQUIO NACIONAL DE GEOGRAFIA DA UEG E XXIV SEMANA DE GEOGRAFIA

24 A 28 DE NOVEMBRO DE 2025

conteúdo apresenta a evolução do pensamento estratégico das Forças Armadas, que passa do combate ao inimigo interno à formulação de um projeto de poder regional e global. O estudo demonstra que a geopolítica militar brasileira foi concebida como instrumento de manutenção da ordem e de ampliação da influência do Estado, em sintonia com os princípios de Ratzel e Mackinder e com a Doutrina de Segurança Nacional. Assim, compreender essa produção é fundamental para entender as bases intelectuais e territoriais do autoritarismo brasileiro e sua permanência no imaginário estratégico contemporâneo. A pesquisa conta com apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). A autora Thaís Borba de Moura está como bolsista de Iniciação Científica (PIBIC/CNPq).



Equador